

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

ALCINDO DIAS PEREIRA

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Director:

VITORINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tipografia de A VELHA GUARDA: Rua 31 de Janeiro, 165—GUIMARÃES

UMA ATITUDE

O discurso pronunciado ha dias pelo meu querido amigo e illustre parlamentar, o sr. Filemon de Almeida, no cemiterio do Alto de S. João, ante o tumulto dos precusores da Republica, define bem e com clareza, em poucas mas sinceras palavras, a attitude assumida pelo P. R. P. desde o primeiro dia em que foi afastado do Poder. O partido é um espectador sereno que precisa de ver as obras daqueles que o declaram incompetente para governar e que o acusaram de tudo o que uma imaginação doentia possa inventar de mau contra um inimigo. O P. R. P. conserva-se quedo e tranquilo e assim continuará até que um perigo ameace a Republica. Outra não podia nem devia ser a sua attitude.

Todos o acusaram, todos os abandonaram, todos os partidos lançaram constantemente lenha na fogueira em que queriam abraçar essa grande força do Regime, queimando as reputações dos seus dirigentes, daqueles que sinceramente o serviam, dos que por ele se sacrificavam. O Partido Republicano Português ficou só, completamente só e quando se retirou, não vencido porque não se vence com facilidade uma força onde existem tantas dedicações, mas cansado, de ver que muitos daqueles a quem auxiliara carinhosamente eram agora os que mais o agrediam e mais o injuriavam, sentiu-se apenas cercado e defendido pelos sinceros correligionários que nunca o abandonaram e por aqueles que não deixam os seus postos quando a República precisa dos seus esforços e da sua fé. Tem havido de ha muito um grande erro: — o ataque constante, encarnizado e violento de republicanos contra republicanos. A sua união era uma necessidade não só para a República mas também para o País. Essa união, apesar de tudo, não se tem feito. Porquê? Porque o P. R. P. a tenha evitado? Porque a sua vontade não seja a de conseguir unir as forças democraticas para melhor garantia e defesa do Regime? Não. Ele tem tentado sempre, em todas as horas, em todos os momentos de perigo como em todos os dias de serenidade, aproveitar todas as ocasiões para ligar, quantas vezes até à custa de sacrificios dos seus próprios cor-

religionários, todos aqueles que levantem um pendão onde a palavra República se desenhe em cores fortes e verdadeiras. Quem esteja de boa fé que o diga. Que olhe para traz nestes 16 anos percorridos e veja serenamente quem tem trabalhado, quem se tem sacrificado, quem tem muitas vezes abatido as bandeiras partidárias para só pensar no bem do País. Os outros partidos não tem pensado assim. Tem uma unica intenção: — guerrear o P. R. P. Seguem apenas um caminho: — alcançar o poder. Porque é que o Partido Republicano Português, tem alcançado mais vezes as cadeiras do governo?

Porque o tem levado até lá e sempre a mão forte do Povo. Dizia-se que era ele que fazia as eleições e que por isso conseguia vencer. Na situação Barros Quaresma e na Cunha Leal fizeram-se eleições. A vitória pertenceu ainda ao partido Democrático E ninguem poderá dizer que aquelas situações fossem protectoras do P. R. P.

Antes pelo contrario. Apesar disso, nunca o nosso partido tentou abusar do dominio que a força do povo lhe dava para vencer ou esmagar os partidos adversarios. Nunca! Em quasi todos os lugares, nos melhores lugares, pelo menos, colocou sempre homens que estavam filiados nos outros partidos para assim mostrar bem a sua isenção e para demonstrar que se não servia do Poder para fazer afilhados. Ocupava as cadeiras do Governo com uma intenção mais alta, a intenção de bem servir o País.

Fez o que pôde, conseguiu realizar uma grande obra, que lhe provocou invejas e más vontades dos impotentes e dos inimigos.

Foi essa a causa, a unica, da sua força, como também foi a causa, a unica talvez, dos ódios que provocou. Outros agora prometeram fazer melhor obra e beneficiar mais ainda a Nação? Bem está. Esperemos. Resta-nos um caminho; — assistirmos serenos e tranquilos á realização dessa obra, para nos declararmos vencidos se efectivamente ela fór superior á nossa, mas para os podermos acusar no caso de nem de longe se parecer com aquela que o P. R. P. realizou quando o poder lhe estava confiado.

Serenidade! E' essa indica-

ção do Directório feita pela boca dum dos seus mais illustres membros! Outro não pode ser o caminho a seguir pelos correligionários diciplinados.

ALFREDO GUISSADO.

ISTO MAREMA

As juntas das quatro freguesias de Sande foram substituidas por comissões compostas de individuos retintamente monarchicos.

A responsabilidade destas nomeações é do sr. administrador do concelho, cavalheiro que, em 28 de Maio, estava filiado no nosso Partido e, portanto, devia ser considerado republicano.

Não sabemos a que partido pertence hoje o sr. administrador, mas supomos que ainda seja republicano, visto que o Governo do sr. General Catmona varias afirmações de republicanismo tem feito e ainda, ultimamente, na posse do sr. dr. Alfredo Magalhães, declarou que não tinha tempo para tratar da mudança de regimen.

Sendo, portanto, ou devendo ser ainda, o sr. administrador, republicano, como se explica que já se estejam entregando as juntas de freguesia aos monarchicos?

Não será uma precipitação comprometedora?

Em defesa e propaganda do vinho de uvas

E' o titulo de uma notabilissima conferencia que o nosso preado amigo e prestigioso correligionario, Alberto Veloso de Araujo, distinto escritor agricola, e grande propagandista da nossa riqueza rural, acaba de publicar, depois de a ter lido em oito concelhos do pais.

Sua ex.ª demonstra, mais uma vez, neste seu excelente trabalho, a sua profunda erudição, o seu saber, o seu amor incedível pela terra e o seu patriotismo.

O engrandecimento e o progresso da lavoura portuguesa muito devem a sua ex.ª pela sua tenaz campanha, eu que tem demonstrado uma fé inquebrantavel no feliz destino de Portugal desde que das entranhas inesgotaveis da sua terra abençoada se tirem os tesouros que a Natureza fartamente lhe prodigalisou.

Recomendamos a leitura de tão notavel conferencia em que o nosso vinho é estudado, de uma maneira brilhante, sob o ponto de vista da hygiene e da economia social e individual.

ESTE NÚMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA.

Minha Pátria-Amada

Pátria, por ti eu quebro a minha jura feita
De nunca mais vibrar em verso o coração!...
Minha pena queimei-a e em cinza é, pois, desfeita,
Minha lira parti-lhe a alma, a vida, o som...

Buscarei nova pena e nova lira, apenas
P'ra te mostrar o quanto é triste a minha vida
Ao ver os Irmãos meus, terríveis como hienas,
Lutarem pelo ódio em luta fratricida!...

E porquê?!... E porquê?!... Tu és a nobre Mãe
Das nossas santas mães velhinhas e honradas!...
Se a todos nós sorris, se a todos nós quer's bem,
Porque é que todos nós não somos de mãos dadas?!...

Portugueses, ouvi: é um crime, e dos maiores,
O crime porque andais em guerra acesa, irada...

Traidores! Não posso crer!... Pois haverá tam raso
Um Português que espume a baba da **Traição?!...**
E se ele existe aí, não haverá acaso
Um outro Português que o mate como a um cão?!...

Escuta, Camponês, ó Bronco Lavrador,
Que andas a semente na terra o trigo loiro:
Tu, que não sabes ler, dize, não tens amor
Ao teu humilde lár, o teu melhor tesoiro?!...

Mineiro, pede à treva imensa desse inferno
Que te deixe gritar num grito altissonante,
Ó mineiro da Dor, ó sofredor eterno,
O grande Amor que tens à tua Terra-Amante!

O' rude Pescador — poveiro destemido —
Que vais ondas em fora a rit e a soluçar,
Dize, não tens amor ao teu Torrao-Querido,
A' tua barca, à rede e ao tormentoso mar?!...

O' velhinho Mendigo, ó Job da desventura,
Que gotéjas da alma enternecidas preces,
Dize, não tens amor à tua cova escura,
A' cova onde o teu corpo invalido adormeces?!...

O' Marinheiro audaz que, longe, desterrado
Fôste, por longo tempo, à voz da tirania,
Dize, tu não choraste o teu rincão sagrado
Todo cheio de flor's, de sonho e poesia?!...

Dize-me tu, Soldado heroico o colossal,
Na Flandres do terrôr teus feitos sublimados
Cometest' los por quem?!... Não foi por Portugal?
P'la herança e honradez de teus antepassados?

E lá na escuridão das trinchas infernais,
Dize, tu não choraste, ah! não, com saúde,
Do teu feliz casal, teus verdes larajais,
Do doce alvorecer, do toque de trindades?!...

Inda haverá cá dentro um miseravel ente.
Nascido neste Lar, que a nossa Pátria queira
Vender e atraiçoar, infame, repelente,
Como se a Pátria fóra uma qualquer rameira?!...

Que tente salsujar a Lusitania bela,
O atrojado do Gama, a Alma de Camões?!...
Português?!... Não, não é!!!... Sim: filho de cadela!...
Português?!... Não!!!... Mas sim vilão de entre vilões!...

O' sangue do meu sangue, um clarim vibrante
Diz-nos na sua voz o quanto há de maior
Na nossa Pátria-Livre, e linda, e triunfante,
E cheia de Justiça, e esplêndida d'Amor!...

Olhai: eu ajoelho, e reso, e me descubro
Por esta Terra-Amada e imensa de beleza!
Olhai: vede-a a sorrir a luz **Cinco d'Outubro!**
Portuguêses: cantai, gritai a Portuguesa!

DELFIN DE VIMARANES.

Onde o Quartel?

Não conhecemos A. G.; nem tanto importa. Contudo, vamos evitar pequenos equívocos a fim de que obscuros não julguem molestarem-nos com a sua graciosa opinião. Não criticamos o que escreve o aludido A. G.

Apenas: Pômos o interesse de parte para lhe provarmos, se tanto quer, que bairristas somos de facto, bairristas como os que mais o são.

O alguém grifado não faz parte dessa colectividade que nos coube em sorte na lotaria da Reorganização do Exército.

Quanto aos coices tradutores... por favor diga quem é!? Os certos teem estômagos semelhantes ao de A. G. se é que o articulista aqui mencionado tem a sorte de pertencer ao género humano.

Mas a fonte de receita, salvo seja, espicçou-lhe a animosidade? Ah! que se não fosse a lei das incompatibilidades!...

A Escola Industrial de Guimarães — emenda — é como qualquer outra do País, apesar de o ruído das suas máquinas em labor não sair de dentro das suas paredes.

A Escola Industrial tal como funciona, — emenda ainda — está mui bem instalada no edificio que de direito lhe pertence.

A Escola Industrial para justificar o seu nome — torne a emenda — precisa spênas que a visitem os que falam em remodelações profundas.

Afinal que vemos direito? Creia que anda todo tórt. Até...

A velharia a reformar, a altura de exercicios... já é setousado, sr. A. G.!

As hipóteses são núvens de fumo que a brisa esfarrapa e dissipa sem a intervenção dum «mesmo assim».

As análises a urinas serão feitas, como até agora, no confortável laboratório de Química Industrial. Os Paços dos Duques da Bragança são também uma velharia, pois não são, sr. A. G.? No entanto não aconselhamos a sua reforma. Seria um crime mexer nas suas vetustas pedras. Certo é que os duques o foram da Bragança nos paços de Guimarães; e Guimarães mais necessita de Escolas que de duques. Entretanto, como são Duques com D grande!...

O bairrista «artista» não se atirou aos rails porque o bairrista comodista se ficou a ver no que paravam as modas. E as modas fizeram-no um bairrista exigente. Todavia não há motivo de ficarmos reduzidos a barro. Do barro lhe faremos uma estátua com a legenda inicial: A. G.

Agora criticamos o que escreve A. G. O seu artigo é ilógico quer na frase, quer na essência. A «Velha Guarda», jornal de opiniões antecipadas responde antecipadamente a todos os que a abordam que tem em muito zelo os adornos da boa educação. E aconselha-o, sr. A. G., a reler o seu artigo. Se após, essa leitora, não vir uma parede, sirva-se do mesmo artigo, por indução de Lavoisier na sua lei basilar. Não há indignações na «Velha Guarda». Correcta é que ela é. E é por ser correcta que volta a verberar pela manutenção daquela Escola no seu edificio próprio. Isto é bairrismo sem interesse; este lho devolvemos gostosamente. Não seja a miagua dèle que tenha de viajar! Porque o corpo docente da Escola Industrial ficará pesado ao ver estropiado o emprego da palavra «interesse» tão vulgar e chãmente por um jornalista; e ainda pela familiaridade com que sustiga a sua honrosa reputação. A quem se refere A. G. na tortuosa alusão do seu artigo? Seja claro.

A «Velha Guarda» repta-o a dizer quanto sabe de competências. Pe-de-lhe ainda que se identifique nominalmente. Há no artigo que subscreve, verdadeiros sintomas da sua irritação. Nem era de esperar outra atitude daquêle que estampou em letra gôrda toda a bilis, insultando à queima-roupa o brio alheio. Que o professorado nada tinha que ver com esta questão de jornal. O sr. A. G. foi infeliz, muito infeliz na escolha de alvo. Se a Escola Industrial não satisfaz as suas exigências cons-gui-lo-hia com a pretensa mudança que formula? Responda sr. A. G.. O sr. está de razão inversamente proporcional para con-nôco. Pugnamos por uma causa justa, e isto basta para que a comissão dos Monumentos Nacionais julgue e dê parecer satisfatório. O edificio da Escola Primária Superior não é aproveitável — como diz — para a Industrial. Está longe de o ser. A duplicidade de «Industria e Comercio, traz consigo uma inevitável coincidência de horários que exige vastidão de alojamento. Há ainda as máquinas a utilizar — melhoramento este que a Escola anseia há já longos anos. Naturalmente não era no edificio da Primária Superior que isso podia efectuar-se. Agora fazemos menção à ingénua pergunta que o sr. A. G. dirige aos bairristas. E é ela: onde alojar o Batalhão de Metralhadoras? Esta é de embasbacar. Coisa difícil na verdade!... Onde alojar o Batalhão de Metralhadoras? — Num Quartel! responderem os bairristas, sem com isto meter «goal». E já por si esta resposta tem um sentido vasto. Interprete-o A. G. que é para nós grande satisfação.

HERMES BACELAR.

Nota da redacção

Por lapso da Tipografia, este artigo, a que se fazia referência no nosso último número, deixou de ser nelle publicado.

Transcrição

O nosso artigo de fundo é transcrito de «O Rebate» onde foi publicado ha dias. Porque nele está claramente exposta a attitude do nosso Partido perante a actual situação politica, e continua a ser absolutamente oportuno, julgamos de toda a conveniência transcrevê-lo para elucidiação dos nossos leitores.

Suínos

Está a cidade cheia de suínos. Ha-os por debaixo das proprias camas onde dormem os seus donos.

Sempre a Camara deposta teve o cuidado de impedir que, dentro de cada casa de habitação, se improvisassem pocilgas, até nos proprios quartôs de dormir.

Essa repressão trazia incomodos e aborrecimentos para quem tinha de a fazer executar. Mas nunca deixou de ser severa, porque assim o exigia a saude publica.

Que faz a Comissão agora? Os porcos aí estão, invadindo a cidade, e já por aí se fala, também, em epidemias. E' urgente que se tomem immediatas providencias.

P. P.

Consta que é por influencia do P. das P. que vai ser esjardinado o largo das ditas e levar um chariz no meio.

Ou éle próprio se não intuisse pai delas...

«A Velha Guarda»

Compram-se na administração deste jornal os n.ºs 90, 93, 125, 126, 128, 130, 144 e 145 de «A Velha Guarda».

Expediente

Vamos proceder á cobrança do primeiro semestre da presente fase de «A Velha Guarda», a qual principiou com o n.º 146 e termina com o n.º 171.

A fim de evitar devoluções de recibos, que nos ocasionam grandes despêsas, esperamos dos nossos presas-dos assinantes a fineza do pagamento do recibo logo que este lhes seja apresentado.

Contritos

Continuamos hoje a nossa penitencia pelo grande pecado que cometemos não percebendo a tempo que a tomamos posse, apenas tinha em vista fazer-nos o favor de afastar o sr. dr. G. de Meira e os monarquicos e ainda, o que é mais importante, cobrir servindo-nos, por traz da cortina, nas nossas pretensões politicas.

Mais um factosinho que demonstra a nossa imperdoavel cegueira.

Tinha a Camara deliberado a construção de um ramal na canalisação da agua das Taipas e mandado, como é natural, fazer o projecto e orçamento á Repartição das Obras.

Esta repartição é um respeitabilissimo cemiterio, que não anda nem desanda, e o vereador respectivo, como se tratava de uma despesa insignificante, desde que se desse execução immediata á deliberação, mandou fazer o ramal, o que levou muito menos tempo do que a repartição para tomar conhecimento do assento.

Ficou a obra pela importantissima quantia de Esc. 390700. A Repartição das Obras só muito depois, em 15 de Setembro, é que apresentou o projecto do que já estava feito, e a comissão, naquelle seu tão manifesto desejo de evidenciar a sua simpatia e solidariedade republicana para com a vereação dissolvida, logo resolveu chamar á responsabilidade o vereador que tinha autorizado a obra.

E' claro que, depois, não chamou coisa alguma e até achou bem que se aproveitasse o ramal, considerando-o de beneficio público.

Mas a sua rancorosa intenção lá ficou bem clara na acta da sessão de 15 de Setembro.

Isto, porém, não fica por aqui. Iremos apontando mais factos.

Brincadeira estúpida

A Comissão Administrativa, descontou nos vencimentos dos empregados municipais a percentagem de 2 %, para pagamento de um seguro de accidentes de trabalho que, com prejuizo para o Municipio, mas vantagens para certos amigos, fez uma companhia qualquer.

Demonstramos aqui que esse desconto constituia um crime de furto e que, não devendo os empregados roubados acusar os seus superiores perante os tribunais criminaes, pelo desprestigio que daí resultaria para todos nós, podiam, porém, reclamar perante a Comissão e depois para os tribunais administrativos se não fossem atendidos.

Sabemos de um empregado que reclamou, em termos correctos e respeitôcos, requerendo que lhe fôsse apulado o desconto e

com tanta mais razão quanto é certo que esse empregado não abrangido é pela legislação sobre accidentes de trabalho.

Mas é também de uma elementar nobreza emenda-las quando se ofereça oportunidade e tenha havido a caridade de se apontar o erro.

Os snrs. Commissários, ao receberem o requerimento a que alludimos, pelo respeito que devem, já não dizemos a si proprios, mas aos logares que occupam, deviam, com serenidade e sem se descompor, limitar-se a deferi-lo.

Era o que mandava a justiça e o bom senso.

Mas nada disto succedeu; o requerimento escondeu-se; não appareceu em sessão, para dar tempo á consulta e ao estudo dos tais

encontrá a solução. Deferia-se o requerimento; o contrario era impossivel; mas não se pagava ao empregado, nem com desconto nem sem desconto, indo para tal buscar-se um artigo qualquer de uma lei antiga, que nunca foi nem pode ser applicado.

Tudo isto daria vontade de rir se não revelasse sentimentos muito baixos e não fôsse desprestigiante para a propria Republica.

Temos a certeza de que o sr. Governador Civil, quando tiver conhecimento de factos desta natureza, não deixará de providenciar, repondo a administração do Municipio de Guimarães naquelle grau de nobreza e seriedade em que, sempre, todos os que por ali tem passado, e de tanta parcialidades politicas teem sido, a teem sabido manter.

Esse artigo nunca se applicou, não se applica, nem pode applicar. A actual comissão nunca o cumpriu, nem suscita o seu cumprimento para os restantes empregados nas mesmas condições. E' uma resolução de odio, de vingança, verdadeiramente mesquinha.

Como brincadeira, seria estúpida e inconveniente. Os superiores não devem brincar com os seus subordinados. Como vingança, é pior que torpe porque é ridicula.

Os tribunais decidirão o caso. Mas já que o assunto tem que ser levado perante a justiça, visto que o empregado não pode ficar expoliado dos seus vencimentos, e outro remedio não tem senão para ella tecorrer, para a justiça seguirá, também, mas agora por iniciativa nossa,

Em processo de policia correcional e accusados pelo Ministerio Publico, visto que de crime publico se trata, terão de responder. E também, perante os tribunais terão de explicar porque é que deixa de se pagar os vencimentos de um empregado por se julgar sujeito a determinadas condições a não deixa de se pagar a todos os outros que estejam nas mesmas circunstancias.

O desconto para accidentes de trabalho não poderá continuar a fazer-se, porque seria reincidir num furto. Mas, com desconto ou sem desconto, o que não poderá também é a Comissão pagar mais um centavo de ordenado a qualquer dos empregados municipais que não tenha direito a aposentação, visto que nenhum concorre para a tal caixa de pensões a que se refere o artigo 446.º do Código de 1896, sempre e superiormente julgado inexecutable.

Pela Instrução

Pelo Ex.º Director Geral do Ensino Primário e Normal, foi enviado aos inspectores dos Circulos Escolares, a seguinte circular:

«Contendo o Decreto organico e regulamentar dos Servicos Jurisdiccionais e Tutelares de Menores, n.º 10.767, de 15 de Maio de 1925, algumas disposições que precisam ser conhecidas do professorado primário, para que este dê aos Tribunais de Menores denominados Tutorias da Infancia, uma eficiente colaboração, transcrevo por isso, essas disposições, para o indicado fim:

— Art.º 75.º — § 2.º — Exerceção também as funções de delegado de vigilância os professores e professoras de instrução primária nas áreas das respectivas escolas, devendo no exercicio destas funções dar os informes, cooperar ou proceder aos inquéritos e prestar os servicos de vigilância que naquela localidade lhes competisse, de sua livre iniciativa ou a requisição dos juizes presidentes e Curadores de Menores, das respectivas tutorias.

Os servicos prestados pelos professores e professoras nestes cargos, especialmente os indicados no § unico do art.º 119.º serão comunicados á Direcção Geral da Instrução Primária e Normal para serem tomados em consideração na classificação dos referidos funcionários.

Art.º 119 — § unico — Para os efeitos dos artigos 26.º, 28.º, 29.º e 107 do Decreto de 27 de Maio de 1911, os professores de ensino primário são também obrigados a participar ás tutorias das respectivas comarcas os nomes dos pais ou tutores dos menores em idade escolar, que habitualmente falem á escola, por culpa ou negligência daqueles.»

— São horas de todos os professores cuidarem de adquirir os seus bilhetes de identidade, munindo-se da respectiva certidão de idade, e duas fotografias, e comprando o respectivo bilhete. Aquelles que o não tiverem até 26 de Dezembro não poderão ser abonados de vencimento no mês de Janeiro de 1927. E' o que diz o Decreto n.º 12.202.

Domingos de Sousa Lobo

Teve a gentileza de nos cumprimentar o sr. Domingos Pereira Pinto de Sousa Lobo, ex-secretário de finanças deste concelho, quando se retirou para Viana do Castelo, onde ultimamente foi colocado.

Sua ex.ª que, pela forma sempre correcta como soube desempenhar as suas dificeis funções, pela inteireza do seu caracter e pela afabilidade do seu trato, aqui radicou as maiores simpatias, deixa em todos os vimatenses vivas saudades.

Agradecendo a sua delicada atenção, desejamos-lhe muitas felicidades.

Dr. Euzébio Leão

Faleceu no domingo em Lisboa este considerado e distinto republicano dos tempos da propaganda, nosso ministro em Roma.

Era das figuras de maior relevo da Republica, sendo ele que, em 1910, na qualidade de secretario do Partido Republicano, leu da varanda da Camara Municipal de Lisboa, a proclamação da Republica, sendo depois Governador Civil de Lisboa.